

O mundo está cheio de armadilhas... é preciso quebrá-las! Na educação das crianças pequenas são inúmeras as armadilhas advindas dos nossos preconceitos. Do nosso ainda desconhecimento em relação à educação das crianças pequenas e pequenininhas. Fiquei me perguntando, ao longo deste Seminário, que armadilhas conseguimos quebrar em relação à educação da infância brasileira.

Ao final do nosso IV Seminário, no 15 Cole, em 2005 – nessa mesma condição de ouvidora – eu apontava uma percepção surgida no grupo de coordenadoras das sessões de apresentação de trabalho e que se impunha como um desafio a este V Seminário. Essa percepção antecipava a convocatória deste Cole e afirmava a necessidade de quebrarmos uma armadilha que se instala nos discursos e nos faz destacar de forma enfática os pequenos acertos e minimizar (ou mesmo omitir) os grandes equívocos que cometemos em nossas práticas... a eloquência e o beletrismo perfunctórios mencionados na convocatória deste Cole.

Creio que deste ponto de vista, avançamos – e falo aqui da quase centena de trabalhos apresentados nas sessões de comunicação. Com o novo formato do congresso e do seminário – mais enxutos – pude acompanhar menos sessões de comunicação. No entanto, a leitura do conjunto dos resumos me trouxe a percepção de que num seminário sobre linguagens na educação infantil, desta vez falamos mais sobre linguagens na educação infantil. Falamos sobre música, sobre narrativa e leitura de histórias, sobre movimento, sobre leitura de imagens, sobre jogos e brincadeiras, sobre faz-de-conta, sobre tridimensionalidade e sobre diferentes experiências que demonstram que, pouco a pouco, em diferentes espaços desse nosso imenso país representado em nosso seminário, vamos desarmando as armadilhas das respostas padronizadas, dos desenhos mimeografados, das crianças sentadas e caladas – como lembrou uma colega da UGMG, “dos mudos falando aos surdos” -, vamos quebrando as armadilhas da antecipação da alfabetização, do disciplinamento dos corpos, do olhar e do pensamento, vamos desarmando as armadilhas do trabalho concentrado na professora ou no professor e dirigido o tempo todo pelo adulto como se fosse possível conseguir que todas as crianças da turma - sejam elas 15 ou 20 - tenham as mesmas necessidades e desejo de saber, todas ao mesmo tempo. Aos poucos, vamos desmontando as armadilhas que foram criadas ao longo da história da escola de massas e que impõem a obediência, o disciplinamento, o pensamento único e se contrapõem à formação de espíritos livres e distanciam as crianças da vontade de saber.

Ainda falamos bastante sobre outros aspectos – sem dúvida importantes para a educação infantil – mas que não contribuem para aprofundar uma reflexão sobre as múltiplas linguagens e seu papel no processo de humanização vivido por cada criança em seu encontro com a cultura. Fica, então, este desafio para 2009: focar ainda mais nossas reflexões sobre as linguagens – trazer sim as pesquisas sobre a história, a legislação, a formação de professores, mas aquelas que contribuem para a reflexão sobre as linguagens na educação infantil.

Creio que outro enfoque que podemos combinar envolve os relatos de pesquisa. Proponho que tais relatos contemplem com maior ênfase a discussão do problema, a hipótese de pesquisa e os resultados e que ocupemos menos tempo com a descrição de

procedimentos, uma vez que temos outros fóruns para a discussão desse aspecto e este seminário é oportunidade ímpar para aprofundar reflexões fundamentais que nos levem a repensar o conceito de criança, de infância, de educação, as relações, o tempo, o espaço e as atividades na educação infantil, sempre na direção de superar a contradição anunciada por um dos trabalhos apresentados: “No berçário, dirigimos nossas ações para ensinar a criança a falar; nos anos seguintes, queremos que ela aprenda a ficar quieta. No berçário, queremos que as crianças aprendam a andar; nos anos seguintes, queremos que elas fiquem sentadas.”

As duas conferências igualmente trouxeram reflexões valiosas.

Roberto Frabetti denunciou várias armadilhas que temos armado em relação às crianças pequeninhas. Ao falar do teatro como forma de relação entre os seres humanos de todas as idades, ao mostrar como as crianças pequenas e pequeninhas vivem o teatro com todas as percepções, prescindindo da linguagem oral – ajuda-nos a quebrar a maior de todas as armadilhas na educação infantil: a de que a criança pequena não está pronta para aprender.

A Maria Carmem Barbosa e a Cecília Goulart nos desafiaram a quebrar outra armadilha perversa presente na educação infantil: o consenso de que a linguagem escrita é a linguagem fundamental. No lembrem, como diz Roland Barthes, que a gente escreve o desejo da gente ... e quando propomos experiências maravilhosas e significativas em múltiplas linguagens, esse desejo não acaba nunca.

A Maria Carmem falou dos múltiplos alfabetismos e da necessidade sempre presente de ampliar nosso repertório para ampliar ao máximo o acesso das crianças à cultura – fonte da apropriação das qualidades humanas, como lembra o Vygotsky.

Falamos da necessidade de conhecer o ritmo das crianças, o modo como elas prendem e administram seu tempo – falamos da delicada, complexa e desafiadora tarefa do professor e da professora de educação infantil de “deixar a criança ir, sem perdê-la de vista”, da necessidade de frequentar as crianças, estar com elas, ser com elas, escutá-las, falar mais com elas e menos para elas ou por elas.

A Marina Monferrari reforçou a necessidade de uma concepção de criança que não minimize, desrespeite, infantilize, adultize ou simplifique a criança. É melhor assumir que não a conhecemos e observá-la, escutá-la e aprender a conhecê-la.

E nos ensinou uma outra dimensão da leitura ou da narração de histórias: a unidade que se cria entre professora e criança, o que permite, do meu ponto de vista, redimensionar o sentido das atividades dirigidas na educação infantil, quando a professora concentra a gestão a atividade. Se pudermos assumir que a atividade dirigida pela professora será um tempo para perder-se no tempo, esquecer-se do tempo, ampliar o tempo vivido, estaremos dando um passo importante e um salto de qualidade em nossa relação com as crianças. E, talvez, quebrando a maior de todas as armadilhas armadas na relação entre professora e crianças na educação infantil: aquela que nos separa da infância.

A Marina também nos desafiou a envolver profundamente as crianças nas experiências que propomos a elas – condição essencial de sua aprendizagem e desenvolvimento, como diria Vygotsky. Para Marina, o caminho para isso é a possibilidade de expressão da criança por meio das múltiplas linguagens. Como afirmava Freinet, a

expressão é uma das necessidades vitais da criança, do ser humano. Para isso, nós professores, precisamos estar atentos: uma pesquisa apresentada num das sessões de comunicação alerta que falamos muito para as crianças, mas conversamos pouco com elas. A Marina nos alerta que as narrativas envolvem receptores ativos.

Nessa mesma perspectiva, Frabetti nos desafiou a permear nossas relações cotidianas na educação infantil com a “artisticidade”. Esta, segundo ele, é uma maneira de ampliar e aprofundar uma pedagogia para a infância.

Enfim, entendo que nas conferências e nas apresentações de trabalhos, aprofundamos reflexões em muitos sentidos. Gostaria de destacar mais duas.

Em primeiro lugar, uma concepção de infância. Creio que avançamos na compreensão de que, no que diz respeito ao desenvolvimento na infância, o essencial é invisível aos olhos, como disse a Marina Monferrari. Assim, sendo, precisamos quebrar as armadilhas que valorizam o que se vê, os trabalhos produzidos pelas crianças (muitas vezes, feitos mais pela professora do que pelas crianças). O tempo da infância não é por acaso muito mais longo para os filhotes dos seres humanos se compararmos aos filhotes dos animais. Isso acontece porque, diferentemente dos outros animais, a criança precisa aprender as qualidades humanas como o pensamento, as linguagens, o controle da conduta, os valores, os sentimentos, os costumes, as habilidades e aptidões que são externas ao sujeito no nascimento e que precisam ser internalizadas por meio da atividade da criança nas relações sociais coletivas. Portanto, o conjunto dos aprendizados na infância acontece no nível do desenvolvimento das funções psíquicas e são invisíveis ao olhar menos atento.

O segundo destaque diz respeito à relação dos pequenos e pequeninhos com a cultura elaborada. O Roberto Frabetti mostrou como, ao mesmo tempo, se provoca nas crianças a linguagem teatral e já se apresenta a elas o mais elaborado nessa linguagem. Outros relatos nas apresentações de trabalho apontaram essa inserção profunda das crianças pequenas nas formas mais elaboradas de diferentes linguagens.

Do ponto de vista teórico, este é um ponto que se marca a nosso favor, pois desmontamos, com ele, uma importante armadilha: a da experiência cultural restrita a que submetemos nossas crianças pequenas e pequeninhas. Como lembra Vygotsky, a criança inicia e realiza seu aprendizado da linguagem oral ao conviver com as formas mais elaboradas da linguagem oral, participando no meio social em que está inserida. Nunca imaginamos separar a criança que se inicia nas formas primitivas da linguagem oral do convívio dos falantes mais desenvolvidos. Segundo Vygotsky, é essa referência da linguagem oral mais desenvolvida que permite que a criança se aproprie ao máximo da linguagem oral de sua coletividade. Creio que podemos, a partir desses dois estímulos – o do Frabetti e o do Vygotsky -, refletir: Por que não fazemos isso em relação a outras linguagens? Por que ao apresentamos as formas mais elaboradas de desenho à criança que está começando a desenhar? Por que não apresentamos as formas mais elaboradas da escultura à criança que começa a manusear a argila ou a massa de modelar? E da pintura, da dança, etc.? Conhecer o mais elaborado como forma de expressão dos outros, como um alerta para novas invenções. Desse ponto de vista, a experiência do outro é referência de como o outro reinventa as práticas e de como, também nós, podemos reinventar nossas

práticas todos os dias. Como diz Denise Stocklos, “utopia rima com mudança agora, já e todo dia.”

Assim, espero que ninguém caia na armadilha de esperar as condições adequadas para estabelecer relações mais horizontais e menos autoritárias com as crianças, para propor narrações em que as crianças se percam no tempo, para propor atividades em que as crianças arregalem os olhos e se ponham boquiabertas de maravilhamento. Não podemos ter as condições de trabalho como armadilhas e nem a espera por elas como outra armadilha. Ou seja, espero que ninguém faça - da experiência que o outro traz – uma peça para nossas armadilhas. Os desafios nos colocam a necessidade, como diz a Marina Lima, de voar, pois, como costumávamos – eu e a Ana Lucia Goulart de Faria, coordenadora deste seminário – assinar nossos primeiros textos de formação de profissionais de educação infantil, as crianças brasileiras merecem e não se cansam de esperar!